

A tragédia a qual segue a farsa

Leonardo Schraiber Colato

– Esse negócio de máscara aí já deu o que tinha pra dar – bufa a minha mãe, insistindo em ler sem os seus óculos as letrinhas miúdas da tela azul à sua frente enquanto ouvimos em terceira pessoa o noticiário que passa para ninguém lá na sala.

Às vezes, eu penso que ela fala assim bem alto essas coisas controversas só para chamar a atenção dos nossos vizinhos. Sei que na casa de trás, da esquerda e da frente tem quem pense diferente dela. Bem diferente. É chato, porque a gente fica muito dividido. Lembro que, antes de as coisas piorarem, os adultos do bairro até tentavam manter de pé a tal da "boa vizinhança", mas, agora, é cocô de bicho deixado na calçada, lixo orgânico no lugar do reciclável, deslocador estacionado em lugar que não é permitido e outros tantos absurdos comunitários.

– Vou desligar o projetor, já que ninguém tá assistindo – falo eu, pulando da cadeira e abafando um gritinho de susto quando meu dedinho sobrevive a mais um encontro de raspão com o maldito balcão da cozinha.

Apesar de hoje ser um sábado a se comemorar, o homem projetado na minha sala está preocupado com alguma coisa, apontando o dedo para um gráfico cuja linha vermelha está cada vez mais próxima do canto superior direito da tela. Já faz algum tempo que eu observo o dedo deste homem percorrer preocupado a linha vermelha deste gráfico. Isso tem a ver com os cientistas, que recomendam o uso de máscaras de proteção acopladas às nossas viseiras quando fora de casa, coisa que é bobagem para a minha mãe e algumas pessoas com quem eu a vi conversando *on-line*. “Até aqui vão tirar a nossa liberdade?”, dizia uma mensagem dela que eu li na semana passada.

Desligo o projetor e decido esticar um pouco as pernas lá fora e dar uma olhada no Sol, tão distante. Até chegar no saguão de entrada não encosto nas linhas do piso, como sempre. Os cantos dos porcelanatos onde de praxe eu coloco o pé até parecem mais fundos do que o resto. Engraçado. Em cima da mesinha do saguão estão as viseiras minha e da minha mãe e a minha máscara. A dela não sei onde está enfiada. Todos nós ganhamos uma que se encaixa nas nossas viseiras, e eu não vejo motivo para não a usar.

Saio. É um dia frio, mas ensolarado este primeiro do século vinte e dois.